S. PAULO (Brazil) | Sabbado, 2 de abril de 1910 | ANNO IV—NUMERO 25

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé n. 5 (sobrado)

Endereço telegraphico: LANTERNA

Apparece aos sabbados

Fundador: BENJAMIM MOTA

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

Assignaturas para o Brazil
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
ANNO . . . . 15$000
SEMESTRE . . . . 8$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Dogma e Sciencia

Vem de longe o conflicto entre o Dogma e a Sciencia, e esse conflicto destaca-se desde logo á simples definição dos termos.

O que é sciencia?

— Conjuncto de conhecimentos adquiridos e systematizados sobre qualquer assumpto.

E adquiridos, como?

— Pelo estudo, pela analyse, pelo confronto, pela indagação, quer dizer: pelo exame directo da realidade.

De sorte que a sciencia traz sempre a convicção ao espirito, quer dizer a adhesão da razão ao conhecimento adquirido.

E o dogma?

— O dogma é o conhecimento adquirido sem esforço algum mental, sem estudo, sem analyse, sem confronto, sem indagação, por simples imposição autoritaria. E' uma *verdade de revelação* que se suppõi aprioristicamente dictada por Deus ao padre ou á Igreja, e que pela Igreja e pelo padre é ensinada ao fiel, o qual é *obrigado* a acceita-la sem discussão, passivamente, sem analyse, antes pelo contrario, suffocando em si todas as pretensões da razão rebelde.

O primeiro dogma que o christão é obrigado a crer é um duplo erro de logica: uma petição de principio e um circulo vicioso.

Falamos da «revelação».

O christão crê no ensino dos livros santos e no ensino da Igreja partindo da petição de principio de que um e outro são ou foram dados pelo Espirito-Santo em pessoa. E' essa a unica razão da sua fé. Desde que Deus seja o revelador como Deus é a suprema verdade, nem pode enganar-se nem enganar-nos. Quer dizer, assenta-se a verdade da doutrina da revelação sobre a presumida realidade da propria revelação. «Admittido que tal doutrina é revelada, tal doutrina é verdadeira.»

Quem provou já que ella fosse ou seja revelada?...

Aqui entra o circulo vicioso.

Eu creio na revelação porque a doutrina da revelacão é de fé.

Por outra, e mais simplesmente: creio porque creio!

Há maior absurdo?...

E o que nos ensina a presumida verdade revelada?...

Comecemos pelo principio.

«No principio criou Deus o ceu e a terra.»

Eis, logo ao primeiro enunciado, estabelecido o primeiro conflicto entre a Fé e a Sciencia.

«O ceu e a terra é uma expressão que implica distincção. A terra é, pois, segundo o autor biblico, qualquer coisa de estranho ao ceu. Será assim?

— Não, responde a Sciencia. A terra é apenas um corpo, e dos mais insignificantes, do systema planetario que forma o cortejo do Sol; como tal, a terra é um dos innumeros corpos (astros) que se movem no ceu, quer dizer no espaço. Dizer que «Deus creou o ceo e a terra» é fazer do volume de um corpo e do espaço occupado por esse corpo duas concepções diversas, quando ellas são identicas.

A expressão biblica é, pois, inexacta e erronea. Donde procede o disparate?

Antigamente o ceu era considerado uma esphera crystalina sobre a qual se pregavam as estrellas. Era o «firme» de Moysés. Ao centro dessa grande esphera ficava a terra, soberana do universo. Assim, a distincção era completa. A terra estava no universo como um fetiche no seu templo.

Desta errada concepção do universo, commum a muitos povos e a muitos philosophos antigos, resultou a grosseira expressão biblica. Quer dizer: a Biblia, longe de ser revelada por um Deus que nem se pode enganar, nem enganar-nos, foi apenas a expressão do estado mental do povo em que teve origem.

Os conhecimentos aperfeiçoaram-se depois, e a Biblia foi apanhada em falsidade.

E o que vem a ser «crear»?

Os proprios theologos o dizem: crear é tirar do «nada», quer dizer fazer apparecer alguma coisa onde nada existia.

Mas «existencia do nada» é uma expressão contradictoria, pois que sendo o nada a negação da existencia, o nada não existe, não tem realidade, não é coisa nenhuma. A rejeição do conceito do «nada» leva-nos á concepção da «substancia infinita». Infinita no tempo, exactamente por não se poder admittir que antes da sua existencia «existisse o nada, ou que «o nada venha a existir» depois da sua existencia; infinita no espaço, porque a admittir-se-lhe um termo, teriamos, para além desse termo, a «existencia do nada», o que já vimos que são termos contradictorios.

Não podendo *existir o nada*, é obvio que não se pode ter dado a *creação* no sentido theologico do termo.

Sabemos o que responde a theologia. Que nós tambem não comprehendemos a eternidade da substancia e o principio de causalidade nos leva a inquirir a causa primaria da existencia do universo.

Ora, a differença neste particular entre a Fé e a Sciencia é radical. A Fé, pretenciosamente, acode ao encontro da difficuldade ensinando que o mundo foi creado. A Sciencia, mais modesta, confessa não comprehender; mas sem fugir á difficuldade pela porta do absurdo, á falta de conhecimento exacto admitte provisoriamente uma hypothese scientifica, fortalecida pelos principios da Mecanica, qual é a hypothese de Laplace. Não diz que foi assim; diz que, provavelmente, foi assim.

E depois, examinemos a ordem da creação engendrada pelo autor biblico.

«Separou Deus a luz das trevas...»

Que! pois, acaso, a luz e as trevas são seres reaes que possam andar baralhados? Ou são apenas termos antitheticos relativos a uma determinada propriedade de determinados corpos?

A luz é uma propriedade. A treva é a privação dessa propriedade. Dizer que Deus separou a luz das trevas é como se se dissesse que Deus separa o pão da falta de pão.

Haveria nada mais tolo?...

Mas maiores absurdos nos reserva o autor biblico. Desde que Deus separou a luz das trevas a luz ficou creada... Quer dizer: Deus *creou* uma coisa que já existia, e tanto que até estava confundida com outra! E mais: é depois de creada a luz que o Deus da Biblia se lembra de crear o Sol!—o Sol, que é exactamente a fonte commum de toda a luz e de todo o calor no nosso systema planetario!

Depois vejam: o Sol é o centro de gravidade de todos os planetas do seu sequito; a terra é o planeta primario da lua, que daquella depende e em volta della gira. Pois embora: segundo a Biblia, foi depois de creados o ceu, a terra e a *luz*, que Deus acabou por crear dois *luzeiros*, um para presidir ao dia, que é o Sol; outro para presidir a noite, que é a Lua; muito embora a Lua seja tão pouco um luzeiro, que é até um corpo opaco, reflectindo apenas a luz que do Sol recebe, e muito embora ella seja tão pouco *para presidir ás noites*, que ha noites inteiras em que ella nem sequer se enxerga, por mais limpido que se apresente o ceu, ou porque anda acima do nosso horizonte exactamente durante o dia, ou porque a sua face illuminada anda voltada para o lado opposto (lua nova).

* * *

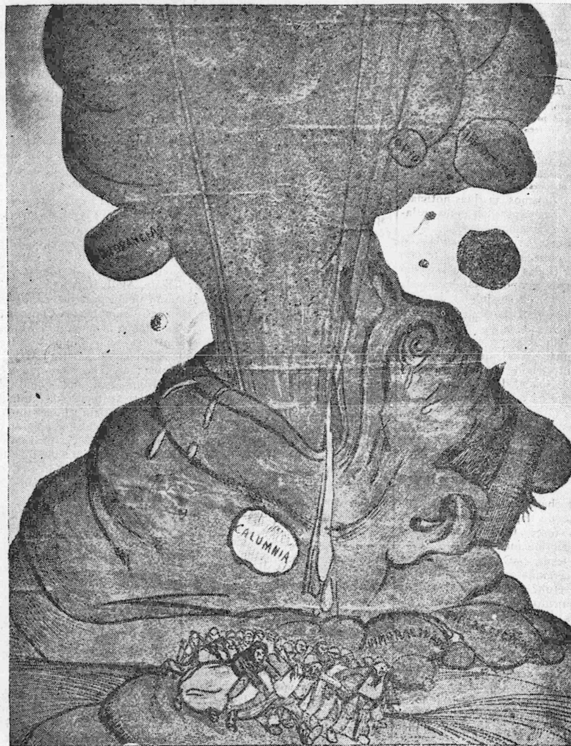
Vale a pena insistir?...

Não vale. Está evidenciado que a fé do carvoeiro, a submissão inteira da razão ao dogma é apenas possivel, ou em individuos duma completa ignorancia, ou em individuos que, sob a coacção moral do medo dos castigos transcendentes por um acto de vontade levam a razão a adicar dos seus direitos de critica.

Homens iniciados na Sciencia e dotados de espirito são e escorreito não podem acceitar os dogmas religiosos.

HELIODORO SALGADO.

O ETNA CLERICAL



Eis um vulcão ainda em actividade.

Sermões ao ar livre

Os mythologistas explicaram engenhosamente a significação emblematica da lenda da Virgem-Mãi, existente em todas as religiões antigas, oriunda do culto solar, da adoração da swastika, a virgem-mãi da sagrada faisca, monumento e celebração do glorioso descobrimento do fogo.

Os padres, porém, não querem hoje saber de mythos nem de recordações symbolicas, de representações allegoricas dos phenomenos consideraveis. Os milagres, que eram primitivamente os proprios factos naturaes, depois formulados, ordenados, systematizados em leis, são para os modernos officiaes do culto, não symbolos ingenuos, mas factos concretos, authenticos, reaes, contravenções ás leis scientificas.

Os symbolos, afinal, já não seriam hoje necessarios e não rendem dinheiro perante a massa enorme; e os artistas que delles se servem nem sempre se distinguem por uma famosa prosperidade e um enriquecimento repentino. O tempo está para todos os charlatães.

Não quero dizer que os sacerdotes tenham abandonado o culto do fogo, filho do divino sol, jorrando sob a inspiração do espirito santo, o ar que sopra. Oh! não! Se esqueceram os velhos symbolos mortos e fizeram delles arlequinadas grotescas, a chamma propriamente dita, rubra e crepitante, não tem servidores mais fieis do que elles.

As chammas do inferno, apesar de imaginarias, são as mais lucrativas. A exploração do terror tem dado resultados estupendos, sobretudo na hora tragica do arranque de testamentos.

Pelo fogo se faziam outrora aos hereges certas cocegas ferteis em confissões e se lhes assavam finalmente os corpos renitentes e relapsos; pelo fogo, se inventa e se annuncia hoje a destruição consummada de cidades malditas como Paris; pelo fogo ha de acabar o mundo...

Desde que os sacerdotes deixaram de ser os conservadores de processos uteis e verdades scientificas, sob a forma impressionante do mytho, para constituirem uma Igreja, isto é, uma instituição politico commercial, os symbolos apagaram-se, mas as fogueiras reaccenderam-se, e a sua afición prática pelo fogo accentuou-se!...

Nada de symbolos, porém: seriam uma desgraça para o estabelecimento. A Virgem-Mãi não é a Swastika, o lenho virgem que pare Agni, a centelha sagrada, alma gloriosa do Sol: é uma mulher em carne e osso, que pariu um bébé e permaneceu virgem, tendo sido fecundada por um pombo.

E vai o padre Amaral e explica que o facto é muito commum na natureza, onde a sarigueia e o kanguru-femea guardam os filhos numa bolsa, o que é evidentemente uma prova de virgindade.

O reverendo Amaral tem, porém, avoengos, nesta especie de logica: um delles, o jesuita João Baptista de Sousa affirmou o hermaphroditismo da Virgem, o que, visto não existir na especie humana o hermaphrodita verdadeiro, significa ir buscar aos animaes inferiores, como certos entozoarios e molluscos, uma analogia que cheira levemente a darwinismo.

E assim o glorioso padre Sousa, se não foi o antepassado do seu collega Amaral, nosso sabio contemporaneo, foi sem duvida o precursor de Darwin...

Zeno Vaz.

Lanterna magica

O criterio da intolerancia

O *Estado de S. Paulo*, de 24 de março, publicou os seguintes telegrammas:

RIO, 23—Tendo a companhia de operetas Galhardo, que trabalha actualmente no «Theatro Apollo», annunciado para amanhã uma «soirée blanche» offerecida ás familias, foi hoje distribuido na cidade o seguinte boletim:

»Ao povo — «Theatro Apollo» — A gananciosa empresa deste theatro, não respeitando as crenças religiosas da sociedade brasileira, annunciou para quinta-feira santa uma «soirée blanche» dedicada ás familias desta cidade.

Esta afronta ás nossas crenças não pode passar despercebida. E' preciso que esses ganhadores e aventureiros saibam que nesta terra ha religião e tambem quem faça respeitar as crenças alheias—Os catholicos.»

Sabe-se que a empresa resolveu suspender o espectaculo annunciado.

RIO, 23—Sob a presidencia do sr Ignacio Tosta, director geral dos correios da Republica, realizou-se uma reunião de catholicos pelo simples facto de ter sido annunciado um espectaculo pela companhia de operetas que trabalha no theatro Apollo, espctaculo a realizar-se amanhã quinta-feira santa.

Não houve deliberação alguma, por parte da assembléa, visto ter a empresa resolvido suspender a representação.

Saudado o sr. Tosta pelo motivo de ter conseguido o impedimento de circulação de publicações obscenas, s. ex. respondeu que assim procedeu não só como chefe de um serviço cujo regulamento prohibe tal circulação, mas tambem como catholico.

Para justificar esta infame imposição a uma empresa theatral concorrente das farças ecclesiasticas, os estupidos fanaticos que escreveram o protesto invocam o *respeito ás crenças alheias!*

E' assombroso!

E se os não catholicos pretendessem a prohibição das vossas festas religiosas, ó cretinos, allegando que ellas são uma «afronta ás suas ideias», ao progresso e á sciencia? Assim, tambem vós não *respeitais* as nossas opiniões, ás quaes repugnam as vossas palhaçadas?

Ora, como respeito, basta que as façais livremente: deixai, pois, que os outros exerçam igual direito, e respeitai-lh'o igualmente.

Vós, porém, só sabeis manejar a intolerancia e a violencia.

Não menos vexatorio e digno de protesto é o tal «impedimento de circulação de publicações obscenas», promettedora de incontaveis abusos e violações, como nos Estados Unidos. O correio a *julgar* da obscenidade de publicações! Mas onde estão as garantias elementares?

⚜

Turras catholicas

Das noticias de Portugal publicadas pelo *Estado de S. Paulo* do dia 22:

A confraria do Senhor Bom Jesus de Fão, Esparende, telegraphou ao arcebispo de Braga nestes termos:

«Irmãos da confraria Bom Jesus do Fão, reunidos em assembleia geral a convite da mesa da mesma, resolveram por unanimidade, visto a atitude de v. exc e a violencia e excesso de jurisdicção commettidos pela portaria ultima, desafrontar-se encerrando o mesmo templo e interpondo para a Relação do Porto recurso á Corôa.»

O telegramma relaciona-se com um conflicto travado ha pouco entre a referida confraria e o parocho daquella freguezia, sobre a interferencia que o mesmo possa ou não ter na pratica de obrigações cultuaes que a confraria faça cumprir, pleito este pendente da solução do arcebispo primaz de Braga. Na reunião, a que assistiram as pessoas mais gradas da localidade, falaram largamente Augusto Moreira Pinto e seu filho João de Oliveira Pinto.

No fim, ao fechar-se o templo, houve tumulto, causado talvez pelos partidarios do parocho, protestos, encontrões e, pelo que consta, alguma bengalada á mistura.

Não deis escandalos, irmãos...

⚜

Negros conluios

Do mesmo lugar:

Sob a presidencia do patriarcha Bello, reuniram-se em Lisboa todos os bispos do continente em conferencia secreta, ignorando-se o que resolveram. A nota officiosa dizia vagamente que se tinha tratado dos interesses da Igreja e do clero, mas constou que os bispos tinham assentado em dirigir ao rei uma mensagem pedindo repressões para a propaganda anti-religiosa, defendendo interesses contrarios ás regalias do Estado e mostrando-se profundamente ultramontanos. Os prelados que assistiram á reunião foram os seguintes, além do patriarcha d. Antonio Mendes Bello:

(Segue-se uma lista de onze mitrados).

O patriarcha offereceu-lhes um jantar no seu paço de S. Vicente de Fóra e ao qual assistiu tambem o nuncio apostolico, monsenhor Julio Tonei, que esteve no Brasil e que é uma pessoa dedicadissima aos padres da companhia de Jesus, hoje de novo influentes em Portugal.

Por toda a parte os corvos se agitam... e jantam symbolicamente.

⚜

Os bons negocios

Do *Jornal do Commercio*:

S. PAULO, 22—Foi lavrada a escriptura de compra do edificio do Collegio Santo Agostinho, afim de ser adaptado para quartel do 2.º batalhão da Força Publica.

O Estado pagou 200:000$ ao Arcebispado, importancia da compra.

Vê-se que não é só o cardeal Arcoverde quem sabe vender bem e tem amor ao negocio...

E agora da *Platéa*, de 24 do mez passado:

«Depois de amanhã entrará em discussão na camara municipal o seguinte projecto, que vem confirmar uma noticia que demos ha dias a tal respeito:

Art. 1.º Ficam declarados de utilidade publica para serem desapropriados os predios ns. 4, 4-A, 6, 6-A, 8, 8-A, e 12 da rua de Santa Theresa; n. 6 da rua Capitão Salomão; ns. 3, 5, 7 e 13 da rua Marechal Deodoro, podendo o sr. prefeito adquiri-los por compra, «ad referendum», da camara.

Art. 2.º Fica o sr. prefeito municipal autorizado a permutar com a Mitra de S. Paulo a área de 1373 metros quadrados de terreno occupado pelos predios especificados no art. primeiro e pela actual rua de Santa Theresa, por outra área de terreno de 1246 metros quadrados, occupados com o actual edificio da Sé, para serem aquelles incorporados

ao patrimonio municipal e destinados ao alargamento do largo da Sé.

Art. 3.º Fica o sr. prefeito municipal autorizado a pagar á Mitra a quantia de 60:000$000 em cinco prestações annuaes de reis 12:000$000 cada anno, sendo a primeira paga logo que sejam iniciadas as construcções da nova cathedral, ficando tambem autorizado a fazer as operações de credito que forem necessarias ao cumprimento da presente lei.

Art. 4.º Revogam-se as disposições em contrario.

As despesas com as desapropriações acima referidas estão orçadas em 449 contos.»

Que guelas!

Horror á discussão

Transcrevemos do *Jornal do Commercio*, do dia 23 do mez passado:

«No Casino Hespanhol, á rua da Carioca, o Padre Angel Martin, Superior dos Missionarios Filhos do Coração de Maria, realizou hontem uma conferencia religiosa.

Pouco depois das 8 horas da noite, presentes o sr. Consul hespanhol e numeroso auditorio de senhoras e cavalheiros da colonia, foi feita a apresentação do orador pelo Sr. Morales de los Rios, dizendo que seus compatriotas iam ter o grato ensejo de ouvir a palavra de um sacerdote culto e illustre em missão de propaganda no Brasil.

Teve em seguida a palavra o Padre Angel Martin que produziuuma conferencia historico-philosophica, tomando por thema: «O catholicismo como principio de grandezas das nações e especialmente da Hespanha.»

O orador foi por vezes interrompido com demorados applausos, principalmente na ultima parte da sua conferencia, quando se referiu á influencia da religião no desenvolvimento das artes e da sciencia na Hespanha.

Quando acabou de falar o sr. Padre Angel Martin, houve um desagradavel incidente. Ergueu-se um assistente e pediu a palavra para refutar as theorias expendidas pelo orador.

Oppuseram-se a isso varias pessoas presentes, entre estas o Presidente do Casino Hespanhol, Sr. Placido Isasi.

Irromperam então gritos de abaixo o clericalismo e vivas á fraternidade universal.

Houve um enorme reboliço.

As familias encheram-se de panico com os protestos violentos de parte a parte.

Os mais exaltados foram postos na rua e um cavalheiro executou uma valsa ao piano, restabelecendo-se assim a calma.

Chamada a policia compareceu apenas um guarda civil.

A' entrada do Casino, antes de começar a conferencia, era distribuida *A Lanterna*, jornal anti-clerical.

Os Directores do Casino Hespanhol attribuem o facto a um grupo de exaltados anarchistas.»

Exaltados porque... queriam discutir!

O ensino delles

Facto occorrido na Belgica, segundo o *Estado de S. Paulo* de 22 de março:

«O sr. Vandervelde, *leader* socialista, acaba de indicar um facto que não pode deixar de ser vivamente commentado durante o debate sobre a politica escolar do governo. O barão Descamps, ministro das Sciencias e das Artes, insinuara que o corpo docente liberal dava provas de sectarismo e não se mantinha na estricta neutralidade. O sr. Vandervelde procurou demonstrar que o sectarismo se revela principalmente no pessoal docente catholico, e contou que em julho de 1907, na escola communal de Froidmont, perto de Toursai, se passou o seguinte: Preparava-se a solennidade da distribuição dos premios e havia uma scena em que quatro crianças deviam cantar coplas dirigidas a algumas nações. A copla dirigida á Belgica era naturalmente elogiosa; a dirigida á Allemanha era de benevola neutralidade; a dirigida á catholica Hespanha era enthusiastica, a dirigida á França era assim:

Moi, je représente la France,
Et je regarde avec terreur
Ce pays sans coeur ni vaillance
Qui, en un mot, me fait horreur.

A professora escolheu para cantar esta copla uma menina de nove annos, de nacionalidade franceza! E foi preciso recorrer á ameaça de uma manifestação para este numero ser retirado do programma da festa. O facto foi indicado ao sr. Vandervelde pelo proprio tio da pequena franceza, a quem queriam obrigar a injuriar a sua patria. O sr. Vandervelde nota que isto revela uma triste mentalidade da parte do pessoal docente catholico.

Lavagens

Do *Fanfulla*, de 26 de março:

O arcebispo de Paris, mons. Amette, intenta processo por diffamação contra o jornal anticlerical *La Calotte*. O arcebispo pede 10.000 francos de indemnização.

Do *Estado*, do mesmo dia:

MADRID, 25 — Realizou-se hontem, na capella do palacio real, a cerimonia do Lavapés, offerecida pelo rei Affonso XIII a 12 pobres de Madrid.

Além dos membros da familia real, assistiram á solennidade altos dignitarios da corte, ministros de Estado e autoridades civis e militares.

Aproximamos as duas noticias, porque ha entre ellas certa relação... de lavagens.

O arcebispo considera-se lavado da afronta se receber 10.000 pratas (Judas contentou-se com trinta: os tempos estão bicudos); e o rei talvez se julgue lavado, lavando hypocritamente os pés a doze pobres — o que é realmente muito efficaz para a solução do problema social, que se vai assim entretendo e demorando... Mas as mãos, doze vezes mergulhadas na agua perfumada, não ficarão lavadas das manchas sangrentas que fizeram o desespero tragico de Lady Macbeth...

Fecho alegre

Um charlatão sagrado fazia um sermão de lagrimas, dirigindo-se a um tosco Christo crucificado num enorme madeiro:

— Jesus, Salvador do mundo, victima expiatoria, quem te pòs nessa cruz? Quem te cravou nesse instrumento de supplicio? Os nossos peccados, não é verdade, amantissimo Jesus? As nossas iniquidades, não é certo, ó manso cordeiro?

— Não, senhor — responde pela bocca dum rapazito a voz ingenua da verdade; — foi o João, o marceneiro; eu vi-o fazer o Christo, pô-lo na cruz, prega-lo e pinta-lo depois.

Viagem de cobrança

Por estes dias, o nosso companheiro Edgard Leuenroth visitará Jundiahy, Campinas e Bragança.

Aos nossos assignantes e a todos os nossos correligionarios, residentes nessas cidades, pedimos boa vontade em auxiliarem a tarefa do nosso companheiro, que não poderá demorar-se muito, naturalmente, em cada localidade.

A existencia deste jornal de ideias, depende dum pequeno esforço em seu favor por parte de cada um dos seus leitores e dos que o consideram util.

AOS LEITORES

Se não podeis assignar o nosso jornal — o que é o meio melhor de nos ajudar — comprai-o, e ao mesmo tempo contribui para desenvolver a sua venda, dando preferencia aos vendedores d'*A Lanterna* quando preciseis de qualquer outra publicação.

Os clericaes aconselham na sua imprensa o favor aos que *não vendam A Lanterna*. Nós, respondendo a esse acto de estupida intolerancia, apenas pedimos aos nossos correligionarios que favoreçam os vendedores do nosso jornal, não importando que estes vendam tambem jornaes adversarios — pois elles estão no seu officio honesto e nós não tememos a discussão nem o confronto de ideias.

A melhor maneira de combater esta guerra clerical é a assignatura; mas, se não podeis assignar, comprai *A Lanterna* todos os sabbados, e favorecei os nossos vendedores com a vossa preferencia em tudo.

Bilhetes postaes

Temos á disposição dos leitores novos bilhetes postaes illustrados anti-clericaes, oito desenhos differentes, edição do nosso collega *O Livre Pensador*, aos seguintes preços:

Duzia.	1$000
Um exemplar . .	100

RELIGIÃO E CLERO

(Ao reverendo padre João Ravaioli)

I

Na illusão de que os argumentos por mim expostos no contradictorio de Jardinopolis teriam a força, senão de vos converter ao materialismo, ao menos de vos fazer reflectir sobre a inanidade dos esforços que um pobre sacerdote pode fazer para sustentar, apoiado na fé e no dogma, o edificio arruinado da religiã, tinha tomado a modesta resolução de deixar ao numeroso publico que assistiu ao debate a faculdade de julgar qual das duas theses oppostas, por nós defendidas, saiu victoriosa, evitando, assim, infligir-vos por meu proprio punho, escrevendo, a humilhação de uma triste lembrança: a lembrança de uma derrota que não sómente vós, mas todo o clero soffreu.

Obediente a este principio eminentemente logico e humano, esperava, calando, que tambem vós, havieis de dar provas da vossa modestia, deixando a terceiros ampla liberdade e precedencia de juizo; nem a mim nem a ninguem jamais passou pela mente que vós, parte nesta causa, vós erigisseis em juiz meu e de vos mesmo, antecipando apreciações cujo valor é nullo, precisamente porque procedem de parte interessada, se bem que sob um pseudonymo que mal occulta a tonsura do padre. E já que, infringindo esse principio de seriedade e modestia, vos pusestes a espernear que eu sou um ignorante, um trivial, um fanatico, etc; que sómente vós sois um literato, um philosopho, um poço de sciencia, um genio, agradeço-vos mais uma vez a bella occasião que me destes de demonstrar, não a vós (que só inspirais lastima) mas a todo o mundo da clericalha e das hystericas beatas, o grande bestarrão que sois.

Não é só isso. O que me tendes dado de mais precioso ainda é a occasião de pôr a claro toda a impostura da vossa religião, toda a fragilidade do vosso Deus, toda a fabula do vosso Christo, o absurdo das vossas concepções sobre a vida futura, o lado comico do vosso paraiso e do vosso inferno, a immoralidade da vossa moral, a infamia da vossa obra de desfrutamento, de escravização, de miseria e de morte que de ha vinte seculos a esta parte exerceis sobre as gerações humanas. Chamai, pois, em vosso auxilio as vossas legiões de santos e de virgens, trazendo á testa aquelle bregeiro afeminado que se chama Espirito Santo, porque o que pretendo atacar e virar de pernas para o ar é precisamente o grotesco edificio de burlas grosseiras que se chama Religião catholico-apostolico-romana, com todo o seu cortejo de brancos fantoches — Deus, Diabo, demonios e santos — dos quaes perfidamente vos servis, como doutros tantos espantalhos, para embrutecerdes mais e mais a immensa manada dos «pobres de espirito» que tão christãmente explorais.

Mas antes de proceder a este estudo que dedico (não a vós, pobre camelo que nada distinguis um palmo adiante do nariz!) mas áquelles a quem o mofo acre das sacristias ainda não mumificou completamente o cerebro; antes de enterrar o escalpelo da critica nesta gangrena purulenta da religião e do clero que mancha e ultraja a vida civil dos nossos tempos, permitti, meu caro Don Pirlone, que eu passe em revista aquelle amontoado de heresias que despejastes com a pretenção de me refutar, na «Ré-publica», de Jardinopolis o papelucho mais lastimavel, mais cretino, mais idiota, que tem visto a luz sob a abobada azul do ceu.

Tenho sob os olhos dois numeros desse infeliz orgam de sacristia, cheios da vossa prosa amontoada, macarronicamente funeraria, como toda a prosa de igreja, como toda a caldeirada philo-pouco-sophica dos padres psalmistas. Se no contradictorio de Jardinopolis, mais do que um adversario nutrido de doutrinas e ideias, me parecestes um vendilhão de castanhas seccas, agora, na polemica, fazeis-me o effeito de um charlatão que vende ceroto para callos, um odre cheio de vinho e vaidade, cuja profunda ignorancia é compensada por uma incommensuravel e inconcebivel audacia. Nem um aagumento, nem uma ideia se distilla daquella bagaceira de phrases deseonexas, vazias de sentido que amontoastes sobre a Ré-publica. Quanto mais vos leio, mais noto o crescimento das vossas orelhas; quanto mais penetro no labyrintho archi-pyramidal do vosso cerebro para vislumbrar um principio de ordem nos vossos pensamentos, mais me convenço de que até vos falta uma these.

A unica coisa que consegui decifrar é que fazeis esforços inauditos para tentar a impossivel demonstração de ser a fé baseada na sciencia, e que quasi todos os scientistas estão comvosco em apoio da santa madre igreja catholica-apostolica-romana; mas, tambem neste sentido, a vossa ignorancia não podia ser mais profunda e asnatica, bem como a vossa má fé não poderia ser mais torpe e descarada.

A escolha que fizestes dos scientistas, em favor da igreja, não podia ser mais humoristica, mais infeliz. Citastes como filhos muito submissos do «dogma catholico», como "catholicos romanos» um Dante Alighieri, que povoou o inferno de bispos, de cardeaes, de papas e cuja Divina Comedia, que lhe custou as amarguras do exilio, foi toda uma filippica intrepida e desapiedada contra a Igreja de Roma; um Descartes que teve de interromper a sua grande obra sobre o systema do mundo, o «Cosmos», para não ser queimado vivo pelos padres, como foi Giordano Bruno e Savonarola; um Racine e um Corneille que foram obrigados pelos padres a fazer penitencia das suas mais bellas obras sob pena de terriveis perseguições; um Kepler, a quem a Igreja queimou viva a propria tia e ameaçou de morte a mãi; um Laplace (!!!) que interrogado por Napoleão I sobre o motivo de ter falado de tudo na sua Cosmogonia do Universo, excepto de Deus, respondeu: «Senhor, para explicar as leis do Universo, não tive necessidade de tal hypothese»: um Copernico que aniquilou de um golpe toda a theogonia da Igreja e cuja grande obra sobre a reforma da astronomia foi queimada pelos padres um dia antes da sua morte; um Galileo, torturado em Roma por ter descoberto a rotação da terra em torno do sol e obrigado de joelhos a uma humilhante abjuração; um Bossuet, este reverendissimo *graphomano*, autor das paginas mais infamantes da theologia christã depois de Santo Affonso de Liguori; um Liebig que poz em ridiculo a historia da creação miraculosa do mundo, inventada pelos padres, demonstrando que nada pode sair do nada; e, finalmente, mais alguns poucos que foram materialistas em toda a extensão da palavra ou simples espiritualistas como Cuvier, que nada tem de catholico, e é antes um inimigo irreductivel do catholicismo.

Portanto, mesmo nestas citações, má fé, impostura, ignorancia — os unicos predicados moraes que um padre pode apresentar.

Mas, porquê, reverendo, ir exhumar do profundo silencio das tumbas, as opiniões dos philosophos da idade média, em materia religiosa, quando esta questão é hoje debatida á luz da sciencia moderna? Quem não sabe que quasi todos as philosophos e sabios medievaes, embebidos da metaphysica dominante daquelle tempo, perseguidos pelo «Santo Officio», fiscalizados na sua obra pelos bispos e papas, escravizados por amor ou pela força á Igreja, eram forçados a fazer acto de contricção diante dos mais absurdos artigos de fé, e a soffrer a imposição do clero, sob pena de exilio, de tortura ou de morte? Quem não sabe que até ao seculo XVII, através da longa noite intellectual da dominação catholica, os unicos livros que se liam eram os dos padres, as unicas escolas em que se estudava eram as dos padres e a unica philosophia que livremente se podia cultivar era a imposta pelos padres? Quem não sabe, emfim, que o erro, a superstição, a mentira, tinham então um vasto dominio sobre a mentalidade do povo e que as sciencias exactas não se tinham ainda posto em campo para afugentar as trevas do passado com as descobertas das grandes verdades? Porquê, reverendo, havemos de pensar hoje com o cerebro de um Cuvier, de um Kepler ou de um Descartes, se a sciencia embryonaria e a philosophia dualista destes engenhos potentes foram superadas, vencidas, anulladas pelas incessantes conquistas da sciencia moderna, pelas gloriosas descobertas feitas na paleontologia, na geologia, na astronomia? Por ventura, o juizo e as crenças dos sabios que sabiam menos, que não podiam ter as concepções modernas da vida e do universo, teriam mais peso que as opiniões dos scientistas de hoje, que sabem mais?

Só o pensar nisso seria absurdo, e, por consequencia, é com o vasto patrimonio dos conhecimentos actuaes e não com os de outros tempos que se deve abordar o problema religioso.

Ora as sciencias modernas teem uma orientação distinctamente materialista, e sabios que sustentem a hypothese Deus, Diabo, Paraiso, Inferno e as chocarrices desenxabidas do padre Ravaioli, não nascem mais.

E é precisamente á luz destas sciencias positivas e exactas que eu penetrarei nos obliquos meandros da questão religiosa.

***

Antes de tudo, uma premissa necessaria: em pleno seculo XX somos constrangidos a negligenciar, em grande parte, o estudo dos problemas mais complicados e profundos da vida para combater, na mentalidade suggestionada do povo, crenças infantis e absurdos grosseiros já de ha muito banidos do vasto dominio das sciencias modernas, e completamente destruidos pelo espirito critico do nosso tempo. A ordem moral do mundo, mais do que pelas indestructiveis verdades colhidas no estudo dos phenomenos naturaes, pelas constantes e deslumbradoras descobertas da sciencia, é regida por principios metaphysicos, por crenças transcendentaes, por temores infundados e superstições embrutecedoras! O espirito pueril da humanidade primitiva, adeja soberano sobre a consciencia das gerações presentes. Todos os erros do passado, as lendas mais grotescas da antiguidade, os mais insanos prejuizos dos nossos antepassados, as fabulas mais insipidas e as mentiras mais torpes de que foi embebida a mente dos povos, dos philosophos e dos sabios na longa noite intellectual da Idade-Média, transmittidos successivamente de pai a filho, de geração em geração, acabaram por crear na multidão inculta uma psychologia especial que representa o phenomeno morbido da fé religiosa, um estado pathologico intermediario entre a imbecilidade e o idiotismo, uma forma delirante de ascetismo collectivo, pela qual se é mais propenso a acceitar como indiscutiveis as ridiculas historias da carochinha, grotescamente tecidas pelos charlatães da Igreja, do que as axiomaticas verdades resultantes das investigações sobre a natureza e das observações scientificas dos factos.

ORESTE RISTORI.

Resumo da Historia das Religiões

I

O Sol

Os povos pastores, (1) cuja vida se passava ao ar livre, tinham incessantemente sob os olhos o espectaculo do movimento dos astros.

A observação do ceu deixou-lhes distinguir certas constellações ou grupos de estrellas, nas quaes o sol parece entrar alternadamente durante a sua carreira apparente annual. Assim se foi levado a representar pelo desenho o aspecto do ceu, marcando a zona ou zodiaco onde se encontravam aquellas constellações que foram designadas por nomes differentes.

Para bem comprehendermos esta operação, que foi a origem da sciencia astronomica, bastará reportarmo-nos ás figuras que representam o globo celeste dividido em duas partes, formando o hemispherio boreal e o hemispherio austral. Partindo da constellação da Virgem, situada no alto do hemispherio boreal, encontram-se, descendo, as constellações seguintes: o Leão, o Caranguejo, os Gemeos, o Touro, o Carneiro (ou Cordeiro). Depois, subindo pela esquerda para o hemispherio austral os Peixes, o Aquario, o Capricornio, o Sagitario, o Escorpião, a Balança.

A zona, ou zodiaco, na qual se encontram estas doze constellações, foi dividida em doze partes ou signos correspondentes a cada uma dellas.

Quando o sol, no seu curso, parece entrar num dos signos, passa a terra ao signo opposto. Assim, quando a terra se encontra em frente da Balança, parece o sol entrar no signo do Carneiro. (2) Levando o sol cerca de trinta dias a passar dum signo para o seguinte, foi cada signo dividido nas cartas em 30 graus, o que perfaz um total de 360 graus, correspondentes approximadamente á duração de cada revolução periodica em torno do sol. (3) Foi em consequencia desta observação verdadeiramente scientifica que se foi levado a dividir este periodo em doze vezes trinta dias. Esta medida do tempo é uma das primeiras e das mais bellas conquistas da sciencia.

MALVERT.

(*Continúa.*)

(1) Os que viviam do producto dos rebanhos, que lhes davam leite e carne para se alimentarem, e pelles para se vestirem.

(2) Ver a figura que indica a posição da terra nos quatro periodos da sua revolução annual em volta do sol, solsticios e equinoxios. Em consequencia do phenomeno astronomico conhecido pelo nome de precessão dos equinoxios, descoberto por Hipparco, as doze constellações do zodiaco já não occupam hoje a mesma posição, avançaram pouco mais de 30 graus. Nos almanaques, tem-se, todavia, conservado a antiga divisão. Quando as ephemerides annunciam que, a 21 de março, entra o sol no signo do Carneiro, é no antigo signo do Carneiro, que se deve entender, porque, actualmente, a esta data, está já o sol ha pert. dum mez na constellação dos Peixes.

(3) Os antigos nem sequer suspeitavam de que a terra gira em volta do sol. Julgavam-na fixa e immovel. O sol e os astros pareciam-lhes circular por cima delles, por uma illusão analoga á que soffremos num trem em marcha, donde as arvores e as casas nos parecem mover-se quando somos nós que estamos em movimento.

Subsidios para a historia de um crime

O discurso do defensor de Ferrer

(Vêr n. 23)

Cheguemos ao emprestimo de algumas pesetas feito á *Solidariedad Obrera* durante a luta que ella susteve por causa das injustiças soffridas por alguns associados da parte do jornal *El Progreso* que, depois de ter muitas vezes affirmado que a regeneração da Hespanha era a reivindicação dos direitos da classe operaria, seguia contra os seus empregados uma linha de conduta que podia censurar aos mesmos que nas suas columnas tantas vezes tinha tratado de exploradores da humanidade. O emprestimo de Ferrer bastou então para fazer declarar inimigo do partido radical aquelle que esse partido tinha sempre considerado, aquelle a quem elle devia a organização das suas escolas, a instituição unica da Casa do Povo cuja utilidade foi reconhecida pelos seus proprios inimigos, serviços que essa gente pagou com uma ingratidão que custa a conceber; e esses homens contribuiram com os seus depoimentos falsos e perfidos para a obra dos inimigos delle, inimigos cujo castigo não tardaremos a ver se a justiça não desappareceu deste mundo.

Eis em resumo os elementos que, reunidos pela obstinação, o egoismo, o odio e a ingratidão formaram contra Ferrer esse bloco que começou por obter a sua prisão e continúa hoje os seus ataques encarniçados para que a sua innocencia fique duvidosa e elle não possa, com a sua acção pacifica e educativa, voltar a estorvar-lhe as empresas e arrancar-lhes das garras aquelles de quem, cada um no seu lugar, elles contam servir-se para seus designios equivocos.

Teve sobre o juiz deste processo alguma influencia esta instrucção tão nova? Sim, e, segundo creio, ella excitou a sua vigilancia até á confusão. Procurando o porquê e o como dos acontecimentos tão magistralmente narrados pelo sr. promotor, quiz elle, na nobre intenção de acabar de vez com essas scenas vergonhosas que deshonraram Barcalona, achar a cabeça do movimento, reduzi-la á impotencia, supprimi-la. Para isso teve que admittir sem base que esses successos tiveram um inicio perfeitamente organizado, dirigido por homens de ideias avançadas, que pelo seu talento tinham conquistado a estima dos trabalhadores, o prestigio entre as classes pobres, e a quem se suppunha o poder de levar essas massas ás peóres selvagerias, a inverosimeis loucuras.

O juiz, o procurador e a maior parte das pessoas que se occuparam dos factos que aqui nos reunem não quizeram comprehender que precisamente a marcha e o desenvolvimento do que se chama sem razão a revolução, o damno cau-

JOSÉ MARTINS

AS IMPIEDADES DOS PIOS
E
As piedades dos Impios

ESPECIE DE PROLOGO

Os bandidos da sacristia não cessam de atirar lama á cara da civilização moderna.

Para elles, todo o homem que não sabe, não quer ou não pode amoldar a sua razão ao dogma em virtude da grande opposição em que está com a sciencia contemporanea, é um *impio*, um atheu, réu de lesa-majestade, divina e humana.

O que crê, pelo contrario, ainda que seja scelerado, o peor dos facinoras, é um homem santo, um modelo de virtudes.

Por consequencia, aos olhos destes bandidos religiosos, o homem honrado, mas descrente, nada vale, ao passo que o mais vil dentre os humanos, sendo crente, é pr clamado *santo*.

Destes exemplos está cheia a Historia.

Os religiosos dão-se a si mesmos o nome de *pios*, quer dizer compassivos, bondosos; mas o certo é que a Historia está com todas as paginas tintas de sangue, producto de suas *impiedades*.

Quando qualquer salteador da Igreja clama que os interesses de Deus estão em perigo, falta a toda a verdade: não são os interesses de Deus os que perigam, visto que todo o Universo lhe pertence, mas sim os delle proprio, os da Igreja, criados á sombra da religião.

Ao mesmo tempo que denunciam uma excessiva hypocrisia, estes pescadore de aguas turvas dão uma triste prova da fraqueza de seu Deus, pois que nem para proteger os seus proprios interesses serve, necessitando de quem os defenda!...

Se continuassemos este caminho que a logica offerece, depressa chegariamos á negação deste Deus interesseiro, cujos ministros não passam duns refinados hypocritas ou charlatães, não sabem mais de que argumentos hão de lançar mão para justificar a sua existencia á custa dos povos.

Estes bandidos inculcam ás massas o desprezo dos bens mundanos e vivem na opulencia; aconselham a humildade, a resignação e o soffrimento, e são orgulhosos, vivem rodeados de todas as commodidades e impacientemente accumulam thesouros; fazem voto de castidade e levam uma vida de desenfreada libertinagem; ensinam o perdão das injurias e exercem crueis vinganças; prégam a paz e a harmonia e vivem intrigando e promovendo discordias; finalmente proclamam o amor, a fraternidade entre os povos, o desinteresse e o respeito á vida a'heia e fomentam odios, atiçam guerras, são egoistas ao extremo e exterminam a mais preciosa existencia com a mais requintada crueldade.

Tal é, pois, a gente *piedosa* de todos os tempos e lugares.

Entretanto, quando isto se lhe diz, della se apodera uma *santa* indignação, um *santo* odio, o qual não mais pode cevar com apparatosos *autos de fé* nem supplicios de forcas, contentando-se apenas com disfarça-lo com injurias e calumnias rancorosamente premeditadas.

Comtudo, preciso é notar que em todas as accusações formuladas pela critica historica contemporanea contra a gente da Igreja, não ha o mais pequeno exaggero, porque, como dissemos, todas as paginas da Historia estão tintas de sangue com as *impiedades* desta gente.

Esta vil canalha, de cujo seio têm saido — como adiante provaremos — os maiores ladrões e assassinos, não se cança de denegrir — já que não pode queima-los — os livre-pensadores, os maçons, os socialistas, os anarchistas e, em summa, todos os que discordam dos absurdos dogmas catholico-papistas, taxando-os de *impios* e atheus e apontando-os como capazes de commetter todos os crimes.

Porque tanto rancor dos bandidos theocratas contra os homens livres?

Facilmente se comprehende: é porque os dissidentes do dogma esforçam-se por arrancar as mascaras á vil exploração dos abutres clericaes.

Dahi o seu odio contra os homens livres (pelo menos de pensamento), contra a mesma liberdade, contra a sciencia, contra o livre exame, contra a razão e, emfim, contra tudo o que tende a emancipar as massas ignorantes e credulas, verdadeiros rebanhos de carneiros, do tenebroso e por demais pesadissimo jugo das negras legiões da Igreja.

Quanto ás ridiculas e não menos infundadas accusações que aos incréos fazem, apresentando-os aos olhos do ignorante vulgo como verdadeiros monstros — esses não podem resistir á menor analyse porque a portentosa voz da Historia é mais eloquente do que todos os latidos reunidos dos cães da sacristia!

Quem foram os assassinos dos judeus, dos manicheus e dos albigenses?

Os catholicos, os *piedosos* filhos de Deus e da Igreja, a cujos acenos se entregavam a todos os excessos, taes como matar, roubar, incendiar...

Quem foram os fundadores da sanguinaria e iniqua Inquisição, que por espaço de **6 seculos** teve o mundo sumido na mais profunda barbaria, cobrindo-o de fogueiras, e cuja missão cifrava-se tão sómente em matar e roubar?

A gente *piedosa*.

Quem foi o assassino de Miguel Servet e o carrasco dos camponezes allemães? Calvino e Luthero, dois assassinos religiosos, os papas primitivos do protestantismo actual.

Quaes foram os autores daquella medonha hecatombe conhecida na Historia com o nome de Saint Barthelemy?... Os religiosos, cujo furor sanguinario, ignorancia e fanatismo, alimentados por uma feroz ambição de riquezas que a todos devorava, produziram aquella horrivel confusão que não lhes permittia entenderem-se ácerca do seu Deus, e que teve como consequencia mais de **100 mil assassinatos!!!**

Por certo que não foram os atheus nem os *impios* os provocadores e autores daquella horrorosa carnificina, mas sómente os canibaes e *piedosissimos* filhos de Deus e da Igreja.

Igualmente, nem os *impios* nem os atheus podem ser arguidos dos espantosos crimes e horrorosas matanças produzidas pelas cruzadas, nem ainda do assassinato de **70.000 musulmanos** degollados aos pés dos altares em Jerusalém na primeira cruzada, mas sómente os filhos de Deus e da Igreja, que para lá os enviou afim de que déssem redea solta á devoradora sêde de rapinas que os atormentava e expansão a todos os seus crimes e vicios.

Foram os religiosos — note-se bem, e não os atheus nem os *impios* — os assassinos de Hypatia, philosopha grega; os perseguidores de Abelard, os assassinos de Arnaldo de Brescia, de João Huss, de Jeronymo de Praga, de Joanna d'Arc, de Savonarola, de Giordano Bruno, de Lucilio Vanini, de Santiago Pauvant, de Luiz Berquin, de Thomaz Morus, de Estevam Dolet, de Coligny; os perseguidores de Campanella e os atormentadores

(Continúa).

---

sado a associações inoffensivas, a sociedades protectoras das crianças dos desgraçados, mostram que faltou um chefe para dirigir os rebeldes, um chefe que, guiando-os, os teria impedido de se entregarem a excessos, deshonrando assim o movimento; porque, se fossem revolucionarios, a revolução nascente teria bem pouca honra, prestigio, força moral e poder esses chefes, que todavia possuiam todas as molas duma autoridade que alguns ingenuos e muitos cobardes viram brandir para cair sobre as mãos sujas de fumo e de sangue de alguns miseraveis culpados de incendio, assassinato ou banditismo.

Com essas vistas e essas confusões, os olhares dos juizes cairam sobre homens que, tendo ideias contrarias ao actual estado de coisas, se alucinam na crença numa mudança da constituição social e especialmente sobre os que, perfilhando essas ideias, essas illusões, têm a intelligencia, a instrucção, o saber.

Eis o que tornou suspeitos alcaides e deputados do partido radical; eis o que conduziu perante o tribunal o accusado que defendo, Francisco Ferrer Guardia.

Não vos offendais, pois, senhores juizes, se, comprehendendo toda a força desta vaga formada de elementos tão diversos, acho bom, antes de passar aos factos concretos, chamar sobre elles a vossa attenção, pôr-vos em guarda (permitti-me a expressão) contra o seu impulso. Tenho, durante estes ultimos dias, soffrido tantas desillusões, de tantos erros me desfiz desde que Ferrer me honrou com a sua confiança, que estou absolutamente revirado. Ha na sociedade actual um nivel moral tão baixo, tal degenerescencia, tal pobreza de nobres ideias, tal riqueza de paixões miseraveis, que eu tinha necessidade de ser fortificado pelo vosso exemplo para não perder a esperança na vossa justiça, no vosso bom coração, na vossa boa vontade para ter confiança ainda, apesar de tudo, em que escutareis attentamente o pouco que pude achar em vinte e quatro horas nessas seiscentas paginas para destruir a terrivel accusação que acabamos de ouvir, para vos impedir de decidir segundo a voz publica, como vos aconselhou o accusador, embora eu pense que só essa voz pôde guiar a sua informação.

(O defensor passa ao exame das testemunhas, provando que as de Premiá não são dignas de fé. Sobre as de Barcelona, diz:) — Manuel Jiménez Moya, testemunha importante «porque foi exilado», segundo o accusador. Dá do papel preponderante de Ferrer uma explicação perfeita, mas «sem provas», e como uma affirmação pessoal que a revolta veio da Liga antimilitarista e de Ferrer, mas acabou por confessar que «nada sabe por ter estado ausente de Barcelona a 15 de julho». D. Narciso Verdaguer y Callis, inimigo politico de Ferrer, affirma que este organizou a revolta «conforme informações que não lhe é possivel averiguar.»

D. Emiliano Iglesias diz ignorar as relações entre Ferrer e a *Solidariedad Obrera*; a testemunha mais importante para o accusador, Baldomero Bonet, nada precisa e affirma ignorar inteiramente que parte tomou Ferrer nos successos.

João Puig Ventura (Larch, segundo nome), crê ser tudo obra de Ferrer porque — affirmação falsa! — as ideias de Ferrer coincidiam com os excessos commettidos. Portanto, o tribunal pode ver que este grave, este primeiro argumento não passa duma dupla supposição baseada sobre boatos.

(Aqui o defensor examina a testemunha official de barbeiro de Masnou, Francisco Domenech, dotado de tão original memoria que, «embora se lembre de todas as palavras pronunciadas por Ferrer nessa noite», não pode recordar-se em que café estavam; e depois de ter conseguido, não em verdade tanto como se pretendeu, evitar attritos entre *El Progreso* e a *Solidariedad Obrera*, acha modo de sair de Hespanha com 22 annos, num momento tão grave para a patria, apesar da excessiva vigilancia, talvez para comer no estrangeiro o dinheiro ganho com a sua lingua de reptil).

Deixemos um momento ao accusador: que prosiga cuidadosamente em suas pesquisas e nos mostre algum facto para o dia 27: porque 24 horas de ausencia sem um signal de commando da parte do pretenso chefe da sublevação podem muito bem fazer pensar que ella sabia o que devia fazer e não tinha necessidade alguma da direcção do homem que, tranquillamente, no Mas Germinal esperava o regresso da calma para continuar os seus trabalhos na casa de edições. Fechada a Escola Moderna sobre a pressão que dissemos, como um local infecto e pernicioso, os seus gostos o tinham levado á acção educativa pelas publicações e havia fundado a Casa de Edições, começando com a energia pertinaz que o caracteriza a editar os livros já apparecidos fóra de Hespanha para defesa da razão autonoma contra as tradições seculares, o que o relaciona com autores, philosophos, de Paris, Bruxellas, Londres. E' assim que vemos em casa delle milhares de livros, que vemos augmentar a importancia da sua casa editorial, e de novo attrae a attenção para sua desgraça de novo seus inimigos vêem que as suas ideias de progresso e de razão retomam a sua marcha, e se antes lhe fecharam a escola, pretendem desta vez supprimi-lo a elle proprio para acabar com a ideia, esquecendo que não é o homem que impõe as ideias, mas que estas têm em si mesmas o seu movimento e a sua força, e que cedo ou tarde, como irresistivel corrente, arrebentarão os velhos diques da inquisição que ainda por um pouco de tempo lhes podem deter o curso.

(Continúa.)

Aviso importante

Todas as quantias enviadas de fora para esta folha devem ser exclusivamente endereçadas ou ao nome do jornal, sem indicação de pessoa, ou a NENO VASCO, largo da Sé, n.º 5.

Pelas quantias diversamente endereçadas não podemos ficar responsaveis.

A Escola Moderna

São da professora Aurea Correia de Martinez as palavras que abaixo transcrevemos, recortands-as da sua chronica publicada na *Gazeta de Noticias*:

«E' com prazer que registro nestas columnas o recebimento do impresso da Associação Pro Escola Moderna, enviado pela respectiva commissão, firmado por nomes conhecidos, em que figura o do Dr. Caio Cesar Monteiro de Barros, brilhante advogado, moço e intelligente, que com a sua palavra e o seu talento vem collaborar em tão arrojada quão nobillissima empresa.

A fundação da Escola Moderna foi resolvida em assembleéa de 27 de fevereiro do anno corrente e visa a emancipação humana, ou o que quer dizer, o desenvolvimento physico, intellectual e moral da humanidade. A novel instituição obedece aos principios de Francisco Ferrer, o fundador da escola racionalista, victima da incomprehensão do seu ideal, trazida pela ignorancia e pelo preconceito.

Um dos fins da Associação é a disseminação de escolas, fundadas sob taes auspicios, e a preparação de professores capazes de dirigi-las, formando cidadãos aptos para um regimen de vida em harmonia com os designios da Escola Moderna. O centro editorial de que a Associação cogitará, para o fornecimento do material necessario á difusão de escolas congeneres em todo o Brasil conta com o valioso apoio da valente iniciativa dos paulistas á realização dos ideaes communs.

De ha muito, venho de citar os inconvenientes da educação e da instrucção sob o dominio dos preconceitos, posta a razão de lado e até os proprios direitos, formando creaturas incapazes de agir, dentro do circulo das convenções e da praxe que lhes é imposta, como um meio seguro de cortar-lhes as aspirações e quantas vezes a enfraquecr-lhes ou nulificar-lhes a dignidade pessoal. No ambiente dos preconceitos e das opiniões, que será feito ao caracter que se revela e ás tendencias que surgem, quando incognita está a suffocação dos sentimentos do homem, já formado ou a sua dissimulação á égide corruptora da hypocrisia e de seu malefico e abundante cortejo?

Que será a Escola Moderna verão os adversarios, depois de vencidos ou, pelo menos, modificados os terriveis obstaculos, oriundos da praxe, da superstição e do exagero com que se acharão a braços os ardorosos apostolos da liberdade.

E' preciso esperar com o criterio que demandam grandes causas e ver-lhes os effeitos antes que bate-las apaixonadamente ou taxa-las de eivadas de vicios e de incorrecções.

Não vem a Escola Moderna crear monstros ou formar vandalos; ella vem tornar o homem forte e vigoroso, emancipando-o por completo, libertando-o, abrindo-lhe os olhos á luz e ao progresso humano, encaminhando-o para as lutas da vida, ao amparo da razão, que o deve dominar, furtando-o ás consequencias da abusão, encorajando-o, fortalecendo-lhe o caracter e tornando-o digno de sua existencia e de sua individualidade.

A' valorosa Associação os meus applausos e a mais ardorosa adhesão.

***

(VÊR O NUM. ANTERIOR)

Cravinhos. — Lista a cargo de Pasquale Marsicani: P. Marsicani, 5$ — Silvio Aldinucci, 5$ — Cesare Gumierato, 1$ — Giuseppe Giacinta, 1$ — Salvatore Curti, 1$—Immutabile, 5$—Adolfo Puccinelli, 2$ — Alessandro Faccipieri, 1$—Romano Lazaro, 1$—Gioacchino Viale, 1$—Juliano Laplechade, 2$ — Enrico Principessa, 1$ — Alfonso Piccolo, 1$ — Anonimo, 3$—Eusebio Dini, 1$500 — Franceschino Bonifázio, 2$ — Fortunato Vecchiato, 1$—Angelo Regini, 3$—J. Senapeschi, 2$ — Olivio Gazzatti, 1$ — Tommaso Suffredino, 1$—F. Coli, 1$— J. Rosa, 5$—A. Favaretto, 2$ — Santo Stocco, 1$—Emilio Del Bianco, 1$ — Tebaldo Fustini, 1$ — Eumene Garzella, 1$ — Incognito, 15$ — Total, 68$500.

Ibitinga. — Lista a cargo de Vincenzo Riccardi: V. Riccardi, 4$ — N. N., 4$ — Belzebú, 2$ — Annibal Simões, 500 rs. — Sebastião Simões, 500 rs. — Ademar Simões, 500 rs. — João Simões, 200 rs. — Seraphim Lepore, 500 rs.—Vicente Lepore, 300 rs. — Saverio Lepore, 500 rs. — Antonio Lepore, 500 rs.—João Lepore, 500 rs. —Antonio Scaramuzza, 500 rs. — Pasquale Lepore, 500 rs.—Seraphim Talarico, 2$—João Braga, 1$—Dino Rossigalli, 1$ — Fra Diavolo, 2$ — Pedro Auti, 1$—F. A. Stocco, 1$ — Antonio S. V., 500 rs.—João Pernalonga, 2$—Nicola De Battista, 1$—Pietro de Battista, 1$—Alipio Teixeira Pitta, 1$ — Vincenzo Angelucci, 1$ — Bernardino Angelucci, 1$—Vicente Mariotti, 1$—João Crestani, 1$—Pedro Paulo Gallo, 1$ — Custodio R. dos Santos, 1$ — Menos 1$ para despezas de correio — Total, 34$000.

S. Paulo. — Lista a cargo de José Sanz Duro: Feliciano Sanz, 5$ — R. Morrite, 5$—Ferrer Segundo, 5$—Enrico Ferro, 5$—Alessandro Baraldi, 5$ — Jacob Kuhn, 5$ — Total, 30$000.

Os nossos representantes

São nossos agentes, fóra desta cidade, com o encargo de angariar e cobrar assignaturas, os seguintes amigos:

Ribeirão Preto, sr. José Selles, rua Amador Bueno n. 41.

Uberaba, sr. José Delfino Pereira Junior, rua Saldanha Marinho.

Franca, sr. Innocencio Selles.

Santos, sr. Luiz Bezzi, rua Martim Affonso, 16.

Rio de Janeiro, srs. Manuel Moscoso, João Leuenroth, rua Hospicio, 166.

Nictheroy, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.

S. Roque, sr. Credo Negrelli.

Dobrada e lugares circumvizinhos, sr. Pedro Sermi Rossi.

Porto Alegre, sr. Polydoro Santos, rua Conçeição, 22.

Villa Americana e Rebouças, sr. Lucio Sandoval.

S. Em Vicente, sr. Miguel Barcalla.

Rincão, *Pontal*, *Pitangueira* e ramal de *Mogy-Guassú*, sr. Francisco de Almeida Ramalho.

Atibaia, dr. Olympio Paixão.

Jardinopolis, sr. João Zucchi.

Salto de Itú, sr. Scipione Del Moro.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua General Camara, 14.

OS PRODIGIOS DO CLERO

Os jornaes portugueses continuam a publicar as proezas que os santos padres praticam. Vejam se são factos que os homens de bom senso possam calar.

O lavrador Albino Rodrigues da Silva, da freguezia de Guinfães, concelho da Maia, Portugal, surprehende sua mulher deitada com o paroco, que elle detém, mas a quem as autoridades dão fuga, deixando-o ir . . . dizer missa. *A Lanterna* já narrou isso por extenso no n. 22.

Porém, não páram aqui as modas. Vejamos mais prodigios. Noticiam de Villa Nova Anadia que o Padre José Fernandes Pimenta é causador de desordem familiar, e, ao que parece, no tribunal da comarca de Anadia corre o processo de separação de pessoas entre o sr. Joaquim Antunes de Oliveira Coimbra, e sua ex-fiel esposa D. Maria Pinto de Campos Coimbra, facto este causado pela vergonhosa moral do reverendissimo padreco José Fernandes Pimenta (não é á tôa que se chama *pimenta*, que ardeu a ponto de apartar os dois consortes, creando assim dois infelizes inimigos). Veja como é grande a moral destes corvos que ficam impunes pelos actos que praticam constantemente: a prova nua e crua está no caso do lavrador Albino Rodrigues da Silva, de que acima falei, e dahi veremos que ninguem toma a responsabilidade a estes scelerados! Guerra, pois, aos infames parasitas da humanidade!

***

Acautelem-se, portanto, os moradores do districto de Mayrink com o reverendo padre Rossi (e Cia.), que, apesar de ter sido escorraçado de Mayrink, teve a sorte de encontrar um ponto de apoio na chacara da sra Viuva Viani, onde estabeleceu sua residencia. Ali elle mandou construir uma capella coberta de sapé e uma casa para sua moradia coberta de telhas, talvez com medo que a queimem quando elle repousa do cansaço do *trabalho diurno*..., importantando-se pouco, muito pouco, que queimem a casa de Deus com os bonecos que ella contém, porque os fieis tornariam a comprar outros, embora fosse preciso vender tudo quanto lhes é caro.

Verdadeiramente os srs. padre Rossi e Cia. teem toda a razão: bonecos ha muitos quem os faça e quem os compre; porém o padre Rossi, creio que será mais difficil, sendo elle um tanto avançado na idade... Tenham, pois, cuidado, sr. padre Rossi e Cia., porque a vida é cara, e os bonecos nada lhes custam emquanto o aturarem os tolos; mas mais cuidado recommendo a seus fieis, porque as proezas de taes ministros de Deus estão se tornando graves até ao extremo. Guerra, pois, sem perda de tempo!

Mayrink.

Um amigo do progresso.

Está autorizado a proceder á cobrança de assignaturas d'*A Lanterna* no Rio de Janeiro a sr. João Leuenroth.

Contamos com a boa vontade dos nossos amigos e assignantes para o auxiliarem na tarefa.

Festa pró-Escola Moderna

Promovida pelo sub-Comité do Bom Retiro, no sabbado, 16 de abril, ás 8 e 1/2 da noite, no Salão Turnerschaft von 1890, rua Bom Retiro, 52 (em frente ao templo protestante), realizar-se-á um bello festival em benificio desta iniciativa.

O Grupo Philodramatico Libertario executará o seguinte programma:

Per il codice, drama em dois actos, de A. Novelli.

Il Maestro, boceto em 1 acto, de Rouselle.

Vispa Theresa, boceto em um acto em verso, de P. Chiesa.

Grande kermesse e baile familiar.

Aos assignantes

Estamos procedendo á cobrança nesta capital, estando encarregado desse serviço o sr. Paulino Schiavi.

Contamos com a coadjuvação de nossos assignantes que assim favorecerão a imprensa liberal, a unica em condições de combater a intolerancia religiosa e o fanatismo deleterio e dissolvente.

Pedimos aos nossos assignantes o favor de, caso estejam ausentes de casa habitualmente, darem a uma pessoa da familia ordem de pagamento quando se apresentar o nosso cobrador, evitando-nos assim grande perda de tempo.

ASSIGNAI! ASSIGNAI!

E' a assignatura, paga adiantadamente, que verdadeiramente sustenta A Lanterna, fornecendo-lhe o melhor combustivel...

Não basta comprar numero por numero: é preciso assignar A Lanterna!

E, se for possivel, angariar-lhe assignaturas!

FOLHETIM (23)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

VI

do ideal, nas fantasticas venturas da imaginação, olvidava por um instante aquellas villezas, as paixões inconfessaveis tecidas em torno pelo fanatismo para ver ao longe, no mundo roseo da miragem a terra promissora sorrindo-lhe por vezes no imo. Mas uma voz autoritaria acordou-o do sonho e, no fundo do quadro, na parte posterior do templo, quasi deserta, viu o chefe da romaria em frente a um cego, o mesmo que tinham encontrado na estrada, havia alguns dias apenas, a ameaça-lo com o punho cerrado:

— Bandido! atreveste-te aqui mesmo, em face do Santuario?— bradava iracundo.

— E' falso, seu vigario, é falso! —clamava o pobre.

— Vi com estes affirmou um leproso—ali no canto da sala dos milagres, elle e a menina, a mesma que chama de filha e que é tanto delle como é, com o livre perdão, do sr. vigario.

— E' mentira! é mentira! — bradou o cego.

— Cala-te, bruto!— vociferou o sacerdote arremessando-se contra elle.

— E' tão verdade como é certo que não és cego.

— Livre-te Deus de ser como eu, cara de tomate maduro! — volveu o accusado.

— Psiu! Nada de escandalo e ouve bem: se voltares aqui, se vieres outra vez ao Santuario, entendes? mando-te prender e botar no tronco como um cão que és! O que não quero é dar escandalo! Vai-te, monstro!

— E' falso, seu vigario! — repetiu ainda o cego.

— Rua, animal!— bradou o padre arremessando-lhe um pontapé, que elle não pôde evitar.

O misero saiu praguejando em companhia da pobre pequena.

O Chagas os considerava de lado...

Se as ideias do Christo imperassem ali, se a romaria não fosse uma grande feira de prostituição, de fanatismo e de jogo, aquelle infeliz tão selvagem no seu sensualismo brutal, iria ainda em companhia da pobre criança a contaminar-lhe a existencia, matando-a moralmente quando a vida despontava apenas para ella no mundo da razão? Se houvesse ali um discipulo do Nazareno, um só, chamaria o desgraçado a quem a ignorancia precipitara no abysmo da depravação e abrir-lhe-ia os olhos na fonte do bem.

Os leprosos e aleijados, os ulcerosos e invalidos—mundo de monstros em putrefacção, batiam palmas e gargalhavam felizes em face do infortunio do outro, o pseudo cego, um concorrente de menos. O Chagas saiu enojado, não pelo pó que os mendigos assanhavam, nem pelo odor fetido evolando-lhes do corpo, mas pela miseria da pobre humanidade que, abatida mesmo no pantano da desventura sem nome, ainda se regozija e é feliz com as desgraças alheias.

VII

O Chagas sentia muita attracção pelo pai de Carmen e, embora distante no ponto de crença, elles se compraziam em dialogar acerca daquella romaria religiosa transformada num mercado de vicios. De volta do Santuario onde presenciara a clamorosa miseria de uma multidão de aleijados e enfermos, expunha ao velho o seu sonho de metamorphose:

— Canalizar todas estas forças heterogeneas que se concentram aqui numa obra de redempção, sangrando a roleta, empregando o tributo do vicio justamente com as oferendas que cáem no regaço do Bom Jesus em prol de uma instituição de beneficencia. Formar ali no seio daquelles penhascos em que a fé dos tempos coloniaes vira milagres e instituira a romaria, em que multidões tinham passado deixando o obolo infecundo para o bem, um asylo immenso em que se abrigassem os desafortunados da sorte; os miseros lazaros que a lepra separa do mundo, os pobres ulcerosos, os aleijados, os enfermos, acolhe-los sob a egide daquelle que chamava a si os fracos e os humildes, dar-lhes subsistencia, allivio aos males que os cruciam e um tratamento na altura da dignidade humana. Não era uma empresa para levar á posteridade e, mais ainda, ao solio de gratidão o benemerito instituidor?

— Seria necessario um novo Christo, meu caro — volveu o velho.

— Não — tornou o Chagas — bastaria um homem de boa vontade, com um pouco de amor humano no imo do peito e essa autoridade perante o fanatismo lorpa que o clero exerce aqui. Esse padre que ahi está, intelligente e culto, dizem, porque não emprehende tal obra?

— Nem elle nem outro o fará.

— Qual a utilidade dessa romaria, entao? — interrogou o pintor.

— Não sei, nem quero saber. Já fui intellectual tambem, já tive essas fagueiras miragens de artista... "Como todo mundo, já fiz versos, amei a muitas; hoje vivo sómente para minha querida Carmen — o anjo bom de minha vida. Catholico embora, não é a crença que me traz aqui: venho ministrar-lhe o gozo de presenciar esta Babel informe. Esses anhelos de humanitarismo são o futuro e eu só tenho o presente.

E sairam a passeio, discutindo ainda.

Havia mais de duas horas que o bacharel os espreitava da ponte, no seio daquella confusão, parecendo por momentos empolga-lo, arremessa-lo em baixo, no rio. A superexcitação natural ao seu organismo de hectico se aguçára ainda mais á vigilia de uma noite decorrida no jogo. Não repousara e apenas libertado por algumas horas do vicio, reentregava se agora á paixão louca, resuscitando recrudecida a ideia do fructo vedado, á fascinação de Carmen que a maturidade dera seducções novas.

Ella lá estava, em cima, á janela do hotel, na camara em que se aboletara, vendo aquella multidão heterogenea, como cordões de termites cruzando a via, dando a sensação de um formigar perenne. O velho já ia ao habitual passeio a beira do rio, em torno das barracas e Laura fora tambem ao Santuario. Estava só, consequentemente. No seu cerebro de desequilibrado passaram projectos que eram crimes: possuir a prima, fosse mister embora violenta-la e realizado aquelle desejo cruciante, jungida como se encontraria pela deshonra, fugir com ella, levando comsigo as joias de Laura, algum dinheiro que lhe restasse, e quem sabe, talvez a sorte, madrasta até então, lhe désse na banca boas cartadas, a almejada fortuna que não vinha mais.

Celere voltou ao hotel, e sem se importar com as conveniencias naquella confusão em que todas as audacias são permittidas, bateu á porta do quarto da moça, chamando-a.

Carmen, sem suspeita alguma, abriu-a. O bacharel entrou:

— Emfim! exclamou num resfolegar de jubilo, num ululo de victoria.

A moça recuou aterrorizada ante aquella figura decomposta pelo traço das paixões, na qual pintava-se claramente o estigma de de-

(Continúa).

Os cometas

Os cometas na historia da humanidade

(Conclusão)

A idade-média levou a palma, se é possivel, ás ideias loucas da antiguidade, e fez de alguns cometas descripções tão fantasticas que excedem tudo o que é possivel imaginar (1).

Paracelso affirma que são os anjos que os enviam para nos advertirem.

Um dos cometas periodicos mais formosos na historia é o que tem hoje o nome de Halley, em memoria do astronomo que foi o primeiro a calcular e a predizer os regressos dos cometas. Effectivamente este já se tem apresentado vinte e quatro vezes á terra, desde o anno 12 antes da nossa era, data da apparição mais antiga de que ha memoria.

A primeira apparição memoravel na historia da França é a do anno 837, no reinado de Luiz I, o complacente. Um chronista anonymo daquelle tempo, cognominado o Astronomo, referia-se a elle nos termos seguintes:

"No meio dos santos dias da Pascoa um fenomeno sempre funesto e de um triste presagio appareceu no ceu.

Logo que o imperador, que repara muito nestes phenomenos, o avistou, nunca mais teve descanço. «Este signal annuncia mudança de reinado e morte de principe, disse-me elle." Aconselhou-se com os bispos, os quaes lhe disseram que devia rezar, edificar igrejas e fundar mosteiros. Morreu porém dahi a tres annos».

O cometa Halley appareceu outra vez em abril de 1066, na occasião em que Guilherme, o Conquistador, invadia a Inglaterra. Os chronistas são unanimes em dizer: "Os normandos, guiados por um cometa, invadem a Inglaterra." A duqueza-rainha Mathilde, mulher de Guilherme, representou com toda a simplicidade o cometa e o espanto dos seus vassallos na tapeçaria de setenta metros de comprimento que ainda hoje se póde ver em Bayeux.

A rainha Victoria traz na sua corôa um adorno tirado da cauda desse cometa, que exerceu uma grande influencia na victoria de Hastings.

Mas a mais celebre das suas apparições foi a de 1456, tres annos depois da tomada de Constantinopla pelos turcos. A Europa ainda estava commovida por essa terrivel nova; dizia-se que a igreja de Santa Sophia havia sido transformada em mesquita, q e o povo christão fora todo degollado ou levado captivo; tremia-se pela sorte da christandade.

O cometa appareceu em junho de 1456; era grande e terrivel, dizem os historiadores da época; a cauda cobria dois signos celestes, o que corresponde a 60 graus; parecia cor de ouro brilhante e apresentava o aspecto de uma chamma ondulante. Julgaram que era um signal certo da cólera divina: aos musulmanos pareceu-lhes uma cruz, aos christãos um yatagan.

Em vista de um caso tão perigoso, Callisto III ordenou que se tocassem os sinos de todas as igrejas todos os dias ao meio dia e convidou os fieis a dizer uma oração para conjurar o cometa e os turcos. Conservou se este uso em todos os povos catholicos, apesar de já não termos medo dos cometas e ainda menos dos turcos; é dahi que vem o toque das *Ave Marias.*

Este cometa é uma excepção da regra geral, porque estes astros mysteriosos tiveram o dom de exercer sobre a imaginação um poder que a levava ao extase ou ao pavor. *Espadas de fogo, cruzes sanguinolentas, punhaes abrasados, lanças* e outras denominações do mesma genero foram profusamente empregadas na idade-média e na Renascença. E' verdade que os cometas como o de 1577 parecem justificar pela singularidade da forma os titulos que geralmente lhes dão. Os escriptores mais sérios não se subtrahiram a esse terror. E' assim que num capitulo acerca dos *Monstros celestes* o celebre cirurgião Ambrosio Paré descreve com cores vivas e temerosas o cometa de 1528:

"Este cometa era tão horrivel e espantoso que produziu no vulgo um terror tão grande que alguns morreram de medo, outros cairam doentes. Parecia muito comprido e cor de sangue; na extremidade mais alta via-se um *braço curvado* com uma grande espada na mão, como se fosse *ferir alguem.* Na ponta tinha tres estrellas. Aos lados dos raios deste cometa via-se um grande numero de achas, castellos, espadas tintas de sangue, no meio das quaes havia muitas *faces humanas* horrendas, com as barbas e cabellos arrepiados."

Houve pessoas importantes tão convencidas que era chegado o fim do mundo em 1528 e 1577, que legaram os seus bens aos mosteiros, sem todavia reflectirem bastante... porque a catastrophe devia ser igual para todos. Os frades provaram que eram melhores physicos; acceitaram os seus terrenos e ficaram á espera da vontade do Ceu.

No entanto, as ideias astrologicas começaram a ser muito atacadas. "Sim, dizia Gassendi no começo do reinado de Luiz XIV, os cometas são realmente temiveis, mas por nossa tolice. Nós inventamos, sem mais nem menos, objectos de terror panico, e como se não bastassem já os nossos males reaes, juntamos-lhes outros imaginarios."

"Prouvera a Deus, dizia Erasmo um seculo antes, que as guerras não tivessem outra causa senão a bilis dos soberanos, esquentada por algum cometa. Um medico intelligente, com o auxilio de uma dóse de rhuibarbo, restabeleceria dentro em pouco as doçuras da paz!"

Em 1661 Mme. de Sévigné escrevia á filha:

"Temos aqui um cometa muito comprido; tem a cauda mais bella que se pode ver. Todas as pessoas de importancia estão com medo e creem que o ceu, que está com tenção de as destruir, manda-lhes a advertencia por intermedio do cometa. Dizem que como o cardeal Mazarin está despedido pelos medicos, os que lhe fazem a côrte acreditaram que era preciso fazer as honras da agonia com um prodigio, e disseram-lhe que apparecia um grande cometa que lhes causava medo. Teve forças para zombar delles e disse-lhes que o cometa lhe fazia muita honra. "A dizer a verdade, deviamos fazer o mesmo que elle, e o orgulho humano lisonjeia-se demasiado quando acredita que ha grandes movimentos nos astros nas occasiões em que se está para morrer."

Dahi a vinte annos os grandes da côrte de Luiz XIV não eram todos tão cordatos como Mazarin. Lê-se nas *chronicas de l'Oeil-de-Boeuf* de 1680:

"Ha tres dias que os oculos todos estão apontados para o firmamento; um cometa como ainda se não viu nenhum nos tempos modernos occupa de dia e de noite os nossos doutos da Academia das Sciencias. E' grande o terror na cidade, os espiritos timoratos vêem nisto o signal de um novo diluvio, por isso que, como elles dizem, a agua annuncia-se pelo fogo: o que me não ha de parecer uma razão demonstrativa emquanto o sr. Cassini se não der ao trabalho de m'a confirmar. Emquanto os medrosos fazem o testamento, e prevendo o fim do mundo, vão legando todos os seus bens aos frades, a côrte trata de saber se o astro errante não annuncia a morte de alguma grande personagem, como annunciou, dizem elles, a do ditador romano. Alguns cortesãos, espiritos fortes, zombavam hontem desta opinião: o irmão de Luiz XIV, que tem receio, pelos modos, de ficar sendo Cesar de um momento para o outro, exclamou num tom desabrido: "Falam bem, falam, os senhores, mas é porque não são principes." (2)

O proprio sabio Bernouilli não se subtrahiu ao prejuizo, antes o perpetua dizendo que se o proprio cometa não é um signal visivel da cólera de Deus, *a cauda póde muito bem se-lo.* Foi a este cometa que Whiston attribuiu o diluvio, fundando-se em calculos mathematicos que tinham tanto de abstracto cemo de mal fundamentado no ponto de partida.

C. FLAMMARION.

(1) Appareceram cometas por occasião da morte de Constantino (336), de Attila (453), do imperador Valentininiano (455), de Moroveo (577), de Chilperia (584), do imperador Mauricio (602), de Mahomet (632), de Luiz o Complacente (837), do imperador Luiz II (875), do rei da Polonia Boleslau I (1024), de Roberto, rei da França (1033), de Casimiro, rei da Polonia (1058), de Henrique I rei de França (1060), do papa Alexandre III (1181), de Ricardo I, rei de Inglaterra (1198), de Philippe Augusto (1223), do imperador Frederico (1250), dos papas Innocencio IV (1254) e Urbano II (1264), de João Galeas Visconti; duque de Milão. Este tyranno achava-se doente quanto appareceu o cometa de 1402. Logo que avistou o astro fatal, desesperou da vida: Nosso pai, dizia elle, revelou-nos no seu leito de morte que, de accordo com a opinião de todos os astrologos, quando chegasse a occasião da nossa morte devia apparecer uma estrella destas por espaço de oito dias. Dou graças a Deus por ser da sua vontade que a minha morte seja annunciada aos homens por este signal celeste». (Que humanidade monarchal! São pessoas que imaginavam sériamente que eram de uma massa differente da dos seus vassallos). Peorou e morreu passado pouco tempo em Marignan, a 3 de setembro.—Fizeram coincidir tambem apparições cometarias com a morte de Carlos o Temerario (1476), de Philippe o Bello, pai de Carlos V (1505), de Francisco II, rei da França (1560), etc. Não seria difficil augmentar a lista. Chegou-se até a inventar cometas, como por exemplo quando foi o da morte de Carlos Magno (816). E que descripções! Segundo o dizer do historiador Niecto, era este o horrivel aspecto do de 1182. «Depois dos latinos terem sido expulsos de Constantinopla, viu-se um prognostico dos furores e crimes que Andronico ia encetar. Appareceu um cometa no ceu; qual serpente tortuosa ora se estendia, ora se enroscava, ora, com grande terror dos espectadores, *abria uma guéla enorme,* a qual dir-se-ia que, ávida de sangue humano, estava prestes a fartar-se delle!»

(2) Este famoso cometa de 1680 impressionou profundamente toda a gente: Catholicos reformados, turcos, judeus, tiveram medo. Impressionou até, não sei se me atreva a dize-lo, as gallinhas!... Achei nas pastas da Bibliotheca Nacional de Paris uma estampa da época com este titulo: *Prodigio extraordinario, como em Roma uma gallinha poz um ovo no qual estava gravida a imagem do cometa.*

"A Lanterna" em Jardinopolis

Os clericaes de Jardinopolis tomaram o freio nos dentes e vomitam ameaças. Impotentes para a discussão e tendo depositado já no seu papelucho todas as asneiras possiveis, sem fornecer um unico argumento, appellam para o *cuidado, pois!* de regateiras.

Especializa-se nisso um tal Juca Antonio da Silveira, vulgo *Doutor Cemiterio,* curandeiro enriquecido á custa dos pobres de espirito, proprietario de casas symbolicamente collocadas nas proximidades do cemiterio...

E' o mesmo que, ha uns cinco annos descobriu numa cisterna uma Virgem — facto que o proprio cura de S. Simão, dirigindo-se aos simplorios que ali acudiam, taxava de conto do vigario.

Como se vê, accumula os dois charlatanismos: o do espirito e o do corpo. E' completo.

Pois é este figurão que, arrumando com galhardia uma série inconcebivel de descompassados coices na grammatica e no bom senso, ameaça repetidamente o nosso amigo Vittorio Tacchi!

O illustre doutor Cemiterio doeu-se com as palavras *curandeiros* e *feiticeiros* duma correspondencia de Tacchi para *Il Pungolo* desta cidade. E exclama: «Contra a sciencia não ha mysterios como o tal Tacchi refere-se...» Juramos que transcrevemos *ipsis verbis!*

Se tu, ineffavel doutor, dás nos teus doentes patadas desta ordem... fazes bem em dar consultas perto, ou mesmo dentro do cemiterio!

Mais felizes do que Tacchi, estamos retirados das tuas possantes traseiras, das quaes se deve acautelar o nosso amigo.

PEQUENOS ÉCOS

«O São Bernardo». — Completou, no dia 28 do mez de Março, o seu primeiro anniversario este nosso collega, que se publica em S. Bernardo sob a direcção do nosso amigo Tullio E. de Castro. Longa vida é o que lhe podemos desejar.

Visita. — Deu-nos o prazer de sua visita o sr. Luiz Reguelin, nosso correligionario residente em Sorocaba.

Pró «Lanterna».— Em Espirito Santo do Pinhal, o nosso correligionario sr. Joaquim Francisco da Silva promoveu em favor d'*A Lanterna* uma subscripção que rendeu 12$000, contribuindo os seguintes srs.: Constantino Tartaglio e J. F. Silva, 3$000 cada; Flaviano P. Lagos, A. Ceck, J. P. Bueno, Flaminio Franco, Zefirino de Freld e M. Tercor, 1$000 cada.

Gratos a todos.

EXPEDIENTE

A todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales, e tudo quanto concerne á administração, pedimos o favor de endereçarem a correspondencia á LANTERNA a **NENO VASCO.**

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado).

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame.*

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nos é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lanterna,* na secção *Bilhetes e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3$000.

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.

Assignatura annual: 5$000.

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.

Assignatura annual: 2$000.

A Vida

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: 1$500.

Internacia Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.

Assignatura annual: 2$500.

A venda nesta redacção:

O Clarão

Publicação eventual racionalista— Porto. — Cada exemplar: 100 reis.

Les Hommes du Jour

Interessantissima publicação illustrada semanal de biographias e critica social, literaria e artistica.

Collaboradores artisticos: A. Delannoy, M. Robin, Hermann-Paul, etc.

Redactor em chefe: Victor Méric.

Assignatura annual: 6$000.

A' venda nesta redacção

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Espanha e a obra de Ferrer.